

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMÁNARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranense
Rua de Fayo Galvão

GRAÇAS PONTIFÍCIAS

No dia 25 do passado mês de Março recebi de Roma o venerando autógra-



pho do summo Pontifice Pio X, que em seguida vai reproduzido:

Transcripção

Autógrapho

Tradueção

*Dilecto filio Sac. Josepho L. Leite de Faria
fausta quaeque et salutaria
a Domino adprecantes, bene-
volentiae nostrae testem,
Apostolicam Benedictionem
ex animo impertimus.*

*Ex Aedibus Vaticanis
die 20 Martii 1910.*

Pius PP. X.

*Dilecto filio Sac. Josepho L. Leite
de Faria fausta quaeque et saluta-
ria a Domino adprecantes, bene-
volentiae nostrae testem, apostoli-
cam Benedictionem ex animo
impertimus.
Ex Aedibus Vaticanis
die 20 Martii 1910.*

Pius PP. X.

*Rogando ao Senhor
quanto ha de fausto e sa-
lutar em beneficio de nosso
querido filho P.º José L.
Leite de Faria, concedemos-
lhe do coração, como pro-
va da nossa benevolência,
a Bêção Apostólica.*

*Do Palácio do Vaticano,
aos 20 de Março de 1910.*

Pio X, Papa.

Com o inestimavel autógrapho, dignou-se o augusto Vigário de Jesus-Christo offerecer ao destinatário uma preciosa medalha sua, cuja face principal vai reproduzida acima.

Suspensio entre a consolação e admiração, que o inesperado procedimento do grande Pontífice em minha alma produziu, custava-me a crer e sobre tudo a interpretar o que via.

«Unde hoc mihi...?» Que razão teria o supremo Jerarcha da Igreja para se lembrar, por modo tam carinhoso e significativo, do ignorado sacerdote, que vai lidando sim, mas tam obscuramente e em tam limitada e remota jeira do immenso campo cathólico? Que havia feito o modesto obreiro, que merecesse do veneravel Pae de familias tam distincto galardão?

Não tardei em o saber. Informações da máxima auctoridade e fidèdignissimas, colhidas em comunicação pessoal e directa com o soberano Pontífice, asseguram-me unánimemente que esta eloquente manifestação da paternal benevolência de Sua Santidade foi motivada pela defesa que tenho feito da boa doutrina, nomiadamente contra os gravissimos e perniciosissimos erros desde alguns annos a esta parte apostolizados por uma transviada revista, que aí se tem arvorado em reformadora dos ensinamentos christãos, sem poupar as mais fundas e essenciaes bases da fé.

Tendo inspirado sempre a minha campanha no puro amor dos princípios christãos e no sincero desejo de os ver triumphar das insensatas arremettidas do erro, esta explicação da benevolência de Pio X sublimou a minha consolação. E julguei que não devia deixar na sombra de ingrato silêncio o principal argumento em favor da minha orientação. Por amor da causa pois, que não por vanglória, é que o publico.

Louvores a Deus!

Coube-me a glória de abrir nestas columnas, ha mais de dois annos — quando a propaganda do erro já ia adeantada, e, sobranceira a todas as advertências particulares, se mostrava obstinadamente systemática — a indispensavel campanha em favor da verdade offendida.

A compensar-me das contradicções que me têm saturado, appareceram, desde o principio, muitas das melhores cabeças e corações cathólicos portuguezes. Não me têm faltado até auctorizadas palavras de applauso e animação vindas de alem-fronteiras. O que tudo guardo em meu coração agradecido.

Mas o tomar o supremo Pastor da Igreja a penna, para lavrar por seu próprio punho a concessão duma Bêção Apostólica, que servisse, segundo expressa declaração, para demonstrar a sua paternal benevolência para commigo — sellando tudo com a sua veneranda medalha —, faz-me esquecer, absorvidas em ondas de consolação, as amarguras que me tem custado o amor à verdade.

E — oh! — não me consola menos que a minha pequenissima quota de collaboração na defesa da doutrina cathólica haja levado uma gottazinha de contentamento ao tam amargurado coração dum Pae amantissimo, a quem tam profundamente devora o zêlo de «restaurar tudo em Christo».

A Deus peço e pedirei sempre que abençoe e faça fructificar tam abundantemente os admiraveis labores apostólicos do venerando e providencial Pontífice, que a sua alma nobilissima trasborde em tanta consolação como a que a inapreciavel manifestação do seu paternal agrado me causou.

Estes sinceros votos e a protestação da mais completa, fiel e inquebrantavel submissão à cadeira de Pedro sam o agradecimento que o meu coração pode dar pelo inolvidavel favor de Pio X.

Padre José Lopes Leite de Faria.

As doutrinas da «Voz de S. Antonio»

MODERNISMO

IV

HISTÓRIA DO MODERNISMO DA «VOZ»

E' particularmente interessante esta história, porque põe em relevo a doutrina e espirito modernista da publicação.

Tem tres periodos caracteristicamente diferenciados:

1.º periodo: de *exposição*; comprehende o anno de 1907 e os dois primeiros mezes de 1908.

2.º periodo: de *defesa e insistencia*; dura de abril a dezembro de 1908.

3.º periodo: de *confirmação e retirada*; estende-se de fevereiro a julho de 1909.

Duas palavras sobre cada periodo.

1.º periodo: Exposição

As primeiras ideias claramente modernistas da *Voz* foram expostas em 1907:

Cf. a *Voz* d'esse anno nas pag. 27 e 185; ou as citações feitas no art. III do *Modernismo*.

Não passaram despercebidas aos catholicos estas primicias da má doutrina; como, porém, não estava ainda condemnada, lamentou-se a orientação, e ninguem protestou mais alto ou com insistencia maior.

Em 8 de setembro de 1907 veio a *Encyclica Pascendi* e a condemnacão do modernismo.

Offerecia-se á *Voz* o primeiro ensejo de se revelar.

Filha obediente da Santa Igreja, amando o que esta ama e proscrevendo o que esta proscreve, far-se-hia nas suas columnas écho da *Voz* do Vigário de Christo e, dando pelo menos um resumo do que era doutrina catholica, reprovava sem restricções o que Pio X condemnava formalmente...

Isso sim!

Pio X declarou o modernismo *heresia, destruição da fé, da religião...*

A *Voz* ficou-se mais áquem, e

a) procurou ainda «contribuir para a reconciliação dos espiritos, buscando, na tradição e no progresso (porque *não havia de ser na encyclica PASCENDI?*), o meio de tornar conhecida a verdadeira e san doutrina que o Catholicismo nos dá»;

b) em vez de reconhecer um movimento herético a scindir na Igreja dois campos, um fiel á doutrina de Jesus Chri-

sto, outro condemnado, «não pode deixar de reconhecer uma tal ou qual *anarquia* dos espiritos acerca das ideias religiosas, uma certa *effervescencia intellectual*, que anda em busca (1) de uma nova orientação...»;

c) define que o modernismo «não tem por si toda a razão»;

d) concorda em que é uma doutrina *exagerada*; mas «reconhecendo que o exagero é um erro, também reconhecemos que lançado fóra esse exagero fica no fundo alguma coisa de verdade.» A conclusão era que, em tal caso, o modernismo teria um fundo verdadeiro; e a *Voz* não recua: «Para que esse fundo de verdade exista no modernismo é preciso que nas razões em que esse movimento se apoia exista também alguma coisa de real. E infelizmente ha».

e) pondera duas correntes no mundo intellectual: a ultra-conservadora, que se oppõe ao modernismo, e o modernismo condemnado. «Está no meio a verdade». Na conciliação, decerto: «é um dever, para os catholicos inteligentes e esclarecidos, trabalhar esforçando-se energeticamente pelo desenvolvimento integral do catholicismo, fazendo-o resplandecer cada vez mais e estabelecendo assim a concordia e a paz das intelligencias».

Ora é de notar que:

1) o dever dos catholicos naquella momento não era *conciliar*: era adherir incondicionalmente a Pio X e aos ensinamentos da *Encyclica Pascendi*;

2) chamar *ultra-conservadora* á porção de catholicos adversários intransigentes do modernismo é uma calúnia de facto e de direito: de facto, porque na Igreja, ao lado do dogma e de Pedro, não ha *ultra-conservadores* nem *ultra-conservantismo*; de direito, porque os conservadores, sem *ultra*, condemnavam o que a Santa Sé condemnou, e por isso, relativamente ao modernismo pelo menos, estavam na verdade e na fé.

Estas confissões sam portanto para a *Voz* um verdadeiro desastre e uma condemnacão.

Para confirmação do juízo, vai o artigo da *Voz* na integra (1907, novembro, pag. 402-405):

«A CRISE RELIGIOSA. — Estamos em crise.

Crise politica, crise moral, crise intellectual, crise religiosa. Eis aí a atmosfera que, de algum tempo para cá, se tornou tão pesada que o que ontem nos incomodava apenas no recanto do nosso gabinete de estudo, passou já hoje a ser um incomodo publico.

Estamos em crise.

Entre todas avulta a crise religiosa, que parece revestir uma certa gravidade, em vista das atenções de que é alvo por parte de Roma. Estão aí a comprovavel-o o decreto do Santo Officio — *Lamentabili sane exitu* — e a ultima *Encyclica* de S. S. Pio X — *Pascendi dominici Gregis*.

Em presença destes documentos da Santa Sé e de outros escritos de catholicos altamente cotados que denunciam o perigo, não podemos deixar de reconhecer uma tal ou qual *anarquia* dos espiritos acerca das ideias religiosas, uma certa *effervescencia intellectual* que anda em busca de uma nova orientação...»

Effectivamente, no campo das ideias religiosas, hoje mais que nunca, verifica-se a existencia de duas correntes opostas, ambas exageradas e prejudiciais. Caminha uma, temerariamente, para deante, no seu campo de exigencias exorbitantes de novidade e progresso. A outra, demasiado conservadora, inimiga declarada de toda a evolução, alheia a toda a critica, permanece estacionaria.

Certamente, nenhuma tem por si toda a razão. Mas, para o não determinarmos assim *a priori*, estudemol-as nas suas exigencias e nas suas causas, que pôde ser que obtenhamos algumas lições importantes para o nosso movimento científico e religioso. Talvez, que, deste modo, possamos também contribuir para a reconciliação dos espiritos, buscando, na tradição e no progresso, o meio de tornar conhecida a verdadeira e san doutrina que o Catholicismo nos dá.

Para fazermos uma ideia do estado psicologico destes espiritos irriquiotos, deslumbrados pelo brilho do progresso, caracterizados por este afan, um pouco xixotesco, de encontrar coisas velhas para destruir e caminhos novos para galgar, bastam-nos os livros recentes do Dr. Rifaux — *Des conditions du retour au Catholicisme, Dogme et Critique de Le Roy* — ou a leitura de algumas revistas com a orientação do *Demain, Renouveau, Revue d'Histoire et litterature religieuse*.

Não ha muito ainda que o Dr. Rifaux dirigiu, a personalidades em evidencia no Catholicismo, um certo numero de perguntas sobre questões tais que, por si só, bastam para podermos formar um juizo seguro sobre a natureza das tendencias novas. Essas questões, curiosissimas, tratam directamente da *Crise intellectual do Catholicismo*.

Eis aqui alguns dos seus quesitos: — O Catholicismo atravessa, sem duvida, neste momento, uma crise aguda... 1.ª) Esta crise intellectual é simplesmente uma crise de laboriosa adaptação e, por consequencia transitoria, no fim da qual pôde o Catholicismo esperar um acrescimo de vida, de rejuvenescimento? — Neste caso, quais os meios a adoptar para debellar a crise e precipitar o novo advento do Catholicismo? 2.ª) — Ou, pelo contrario, é uma crise de inanição e senilidade da qual o Catholicismo não poderá já mais levantar-se? Que guardaremos então do Catholicismo e qual o equivalente, se tivermos de o substituir por outra religião?

Nada temos que vêr com a intenção de Rifaux. O que nos interessa é o documento em si pelo fundamento que nos dá para podermos apreciar o estado de espirito dos que o subscrevem, as reivindicações dos que se declaram partidários do novo progresso, da «mortalidade moderna», para comprehendemos emfim a «crise».

E' pelas respostas a este questionario algumas das quais sensatas e cheias de bons conselhos, outras — o maior numero — muitissimo ousadas, que melhor se pôde conhecer este estado psicologico. As destes ultimos distinguem-se quasi todas não tanto pela affirmacão geral de que o Catholicismo atravessa hoje uma laboriosa crise de adaptação, como na determinação dos meios que propõem para debellar a crise e precipitar o novo advento do Catholicismo.

O Dr. Rifaux, resumindo as respostas dos seus colaboradores progressistas, diz-nos que a causa geradora da crise do pensamento catholico, a razão do mal estar e do abandono do catholicismo por muitos, «não é a relaxação dos costumes, menos ainda o orgulho e a má fé, mas unicamente a ignorancia obstinada dos catholicos, a rotina intransigente e forçosamente reacionaria da sua sciencia e das suas fórmulas theologicas. O unico remedio é caminhar para a frente no domínio da sciencia, procurando adaptar as nossas crenças, os nossos dogmas religiosos ao espirito moderno.»

Eis aqui a razão de ser da obra de Fogazzaro, de Loisy, de Murri, tão ardentemente começada e tão corajosamente proseguida. Na verdade, esta coragem e este ardor mereciam ser postos ao serviço de melhor causa.

Em muito peores circunstancias está, todavia, a obra recente do P. Houtin — *La crise du clergé*, porque nem ao menos obteve a sympathia dos collegas. Por isso o *Demain*, revista ultra-

progressista, a criticou acrememente. O livro é manifestamente máu, filho de um espirito despeitado e odiento; pessimista em extremo, dá-nos do clero uma caricatura desleal: no clero só ha imbecis e ambiciosos. Passa assim em silencio — propositado e injusto — uma categoria de padres illustres, fieis á sua fé, muitos livremente e plenamente consciences ao magisterio infalível da Igreja.

Mas era aqui que vinha ter o pessimismo e o exclusivismo das affirmações anteriores. Porque se o mal, a crise se deve só á ignorancia dos catholicos, é preciso que entre o clero não haja nenhum homem de valor ou pelo menos que a sciencia esteja nelles representada por uma diminuta minoria, indigna de ser tida em conta.

Aqui têm, pois, todos aquellos que criticam a nova encyclica de Pio X, a sua razão de ser e a dos seus rigores a que por aí chamam inquisitoriais. Atendamos bem ao que ella representa e ao movimento exageradissimo que ella vem reprimir e que, por isso mesmo que é exagerado não pôde ser verdadeiro, e reconhecer-lhe-mos o seu justo valor.

Não venham lançar-nos em rosto a decantada incompatibilidade entre a razão e a fé, entre a sciencia e o dogma, porque, pelo facto da encyclica condemnar um movimento exagerado a que se chamou «modernismo», não vem aprovar o systema contrario a que justamente se chamou «reacionario». Não, não venham dizer-nos que somos uns retrógrados e uns velhos insuportaveis porque o Papa, como nós, não condena o progresso, mas o exagero desse progresso, porque isso é um erro.

Reconhecendo que o exagero é um erro, também reconhecemos que, lançado fóra esse exagero, fica no fundo alguma coisa de verdade. Para que esse fundo de verdade exista no «modernismo» é preciso que nas razões em que esse movimento se apoia exista também alguma coisa de real. E infelizmente ha.

Foi isso o que Leão XIII verificou nas suas encyclicas de reconstrução, principalmente na *Aeterni Patris* — e na da reorganisação dos estudos da *Scriptura Providentissimus Deus*. Elle verificou que effectivamente o clero andava afastado não só da sciencia e da filosofia, mas ainda da propria theologia.

Na celebre encyclica sobre a *Filosofia — Aeterni Patris* — em que elle patrocinando a escolastica e o seu metodo tinha em vista a unidade da filosofia entre os catholicos, dá também o justo valor aos progressos scientificos por estas palavras: «não intentamos certamente censurar esses sabios engenhosos que empregam na cultura da filosofia o seu genio, a sua ambição e a riqueza de novas invenções; comprehendemos muito bem que todos esses elementos concorrem para o progresso da sciencia; e por est'outras: «é preciso receber de boa vontade e com reconhecimento tudo o que for sabiamente dito, ou utilmente inventado, seja por quem for... «se se encontrar nos Escolasticos alguma questão demasiadamente subtil, alguma affirmacão inconsiderada ou alguma coisa que não esteja em harmonia com as doutrinas experimentadas nos seculos posteriores, ou que seja finalmente destituida de probabilidade, não intentamos de modo algum propô-la para ser imitada pelo nosso seculo.»

Na encyclica — *Providentissimus Deus* — tem palavras cheias de sensatez, mas que certamente escandalizariam o clero estacionario. Diz elle que «porque seja necessario defender rigorosamente a Sagrada *Scriptura*, não se segue que seja mister conservar igualmente todos os sentidos que cada um dos Padres ou interpretes que lhes tem succedido empregaram para explicar essas mesmas *Scripturas*. Em verdade estas, graças ás opiniões vigentes na sua época, não julgaram talvez sempre segundo a verdade, a ponto de não emitirem certos juizos que agora não são provados.» E chega mesmo a dizer que é certo e não nega «que os estudos dos heterodoxos, sabiamente utilizados, possam ás vezes auxiliar o interprete catholico.» Mas em tudo isto o que elle recomenda instantaneamente é que se não apartem da Fé Catholica.

Porque se deu Leão XIII ao trabalho de nos ilucidar sobre estas questões? Precisamente porque o inimigo ia abrindo brecha e nós todos estavamos de braços cruzados, sem sentirmos o retinir das espadas. Ignoravamos que tivessem armas tam perfeitas.

Eis aqui, pois, o fundo de verdade que existe nas tendencias ultra-progressistas, mas que elles exageraram, enquanto os conservadores á *outrance* insistentemente lhes negavam.

D'esta negação, que constituia a essencia do systema dos ultra-conservadores, obtiveram-se resultados práticos tão funestos que, por muito tempo, se confundiu a sua pertinaz ignorancia com as exigencias do catholicismo.

Mas o catholicismo não toma as responsabilidades dos actos daquelles que o professam, porque é elle o primeiro a apregoar a excellencia da razão e da verdadeira filosofia. Não pôde haver catholicismo sem o previo conhecimento da existencia de Deus. Pois é á razão que o catholicismo entrega a prova do seu fundamento (*Conc. Vat. Constitutio de Fide* Cap. III Can. II). Além do bellissimo canon da Harmonia entre a Razão e a Fé, que achamos inutil citar.

Mas houve ainda resultados praticos

mais funestos desta ignorancia... conservadora. Uma grande parte do clero, e do professorado conservou-se extranho ao movimento intellectual do seculo. Saía-se por consequencia do seminario com uma bagagem scientifica, filosofica e theologica insufficiente e, o que é mais, sem vontade nem criterio para aperfeiçoar. E depois quando alguns espiritos atormentados pela duvida se abeiravam do padre para receberem delle a paz do coração e a luz da intelligencia não eram comprehendidos eram talvez maltratados ou, pelo menos, insufficientemente esclarecidos. E o nosso dever não seria ouvir, procurar comprehendel-os e ministrar-lhes a luz e a paz que lhes faltava? Não temos porventura muitos de nós a culpa de que, por nossa insufficiente informação, pelo nosso incompleto conhecimento das necessidades modernas, se tenham afastado de nós e da Igreja essas intelligencias irrequietas e pouco esclarecidas? E' ainda Leão XIII que o consigna quando na *encyclica — Providentissimus Deus* — nos diz que devemos aproveitar-nos das sciencias naturais, porque os inimigos da *Scriptura* servem-se dellas para a combater.

E «como estas criticas recaem sobre objectos sensiveis, são, por esse facto, muito perigosas quando se espalham nas massas, principalmente entre a mocidade que se entrega ao estudo das letras; logo que esta haja perdido sobre qualquer ponto o respeito á revelação divina, a sua fé, relativamente a todos os outros, não tardará a abalar-se.»

Ora se effectivamente esta fé está perdida é porque enquanto o racionalismo trabalhava com todos os elementos, os catholicos que na idade-media foram os homens da sciencia e do progresso, esqueceram as suas tradições e deixaram de trabalhar... para conservar.

E causa admiração o vêr como estes ultra-conservadores anatematizavam, sem estudar, usando de processos autoritarios, que só serviam para envenenar a questão e afastar mais e mais os contendores.

Eis as duas correntes: uma afastou-se do catholicismo por exagerar o progresso; a outra afastou-se do catholicismo e do progresso por exagerar o proprio catholicismo. E se a corrupção do que é optimo se torna o pessimo devemos dizer que em seus principios, é tanto lamentavel ou mais o systema ultra-conservador como o ultra-progressista, porque talvez que se aquella não tivesse existido, não lamentariamos agora a existencia deste.

Está no meio a verdade. Se, actualmente ainda, o catholicismo soffre da exageração dos dois systemas, é um dever, para os catholicos inteligentes e esclarecidos, trabalhar esforçando-se inergicamente pelo desenvolvimento integral do catholicismo, fazendo-o resplandecer cada vez mais e estabelecendo assim a concordia e a paz das intelligencias.

*

Não era preciso mais para caracterizar a feição e espirito modernista da *Voz*. Mas ella mesma se encarregou de ir dissipando todas as duvidas, apesar de embrulhar a heresia em pannos de linho.

Em fevereiro de 1908 assentou a *Voz* a sua orientação. Qual era?

Em novembro tinha prometido fazer surgir o *são catholicismo da tradição*: em fevereiro estudou esta tradição, e resumiu todo o pensamento em dois significativos quadros, «aproximando a nossa epocha da das origens do christianismo e da fecunda elaboracão do seculo XIII — berço das nossas tradições mais nobres.»

E' singular: Pio X deu como uma das characteristics dos modernistas o desejo de fazer voltar o clero ás *nobres tradições* do sec. XIII!

O quadro do sec. XIII tem dois grandes vultos: o conservador e o espiritualista. «A heresia é que representou o papel conservador, porque não era mais que a contra-reacção do elemento velho.» Os espiritualistas eram

os christãos; e «os christãos venceram. E, precisamente, porque nelles dominava o espiritalismo...»

Hoje ha tambem um quadro identico: o vulto conservador, «com um criterio velho», fazendo «do catholicismo um bloco apenas conservador», — e «a tendencia espiritalista moderna» que «é um pouco subjectiva e immanente. E é este o seu grande peccado» (=sé-lo um pouco?). «O exagêro é evidente. Cumpre-nos atenuá-lo com a realidade.»

E não é difficil: «Em todo o caso, foram sempre o espiritalismo e a liberdade que triumpharam e fizeram da religião catholica a maior potencia espirital que norteou e norteará, em todos os séculos, a humanidade. Subtraindo todo o exagêro á tendencia espiritalista moderna, nós estamos, no século XX, em pleno e perfeito contacto com o século XIII.»

Em resumo:
1) a tendencia immanentista moderna, expurgada, é que ha de triumphar;
2) é exaggerada sómente;
3) o elemento conservador à *outrance* ha de cair na luta, ainda bem, porque
4) corresponde à *heresia* no quadro da edadimédia.

«As nossas tradições de catholicos são estas.» Era isto tudo um comecillo de resposta ao rumor surdo dos catholicos portuguezes sobre as doutrinas da *Voz*. Ella não o encobriu: «Is-to nos basta para que, longe de recuar um passo, longe de nos intimidar qualquer surdo rugido da treva (PI), caminhemos de frente erguida com aquella altivez de carácter de quem se préza de ter trabalhado sempre por servir a verdade.»

Ainda aqui irá o artigo na integra (*Voz de S. Antonio*, 1908, fevereiro, pags. 521-524):

A NOSSA ORIENTAÇÃO.—O movimento catholico portuguez—moral, politico e social—começa a entrar em uma nova fase, ante a qual ninguém deve permanecer indifferente.

A sua oportunidade é manifesta. O que não é bem claro são os resultados que delle vamos obter.

Não caminhamos ainda desassombradamente. Tacteamos como cegos. Ha quem veja com clareza a situação, mais complicada do que parece, pela heterogeneidade dos elementos com que se póde contar. Infelizmente esta visão não está generalizada. Se o estivesse, a heterogeneidade desapareceria, para nos unificarmos num só modo de ver, simples, correcto e, mais que tudo, real e pratico.

Estas parcialidades, antes, desharmonias, estão certamente fundadas em duas bases, ambas perigosas e ambas prejudiciaes: ou na péssima formação moral ou na insignificancia intellectual ou scientifica de todos os que, creados num meio obsoleto, pretendem ainda dirigir o novo movimento com os velhos moldes de ha 50 annos.

Os primeiros manifestam-se por cri-

ticas mesquinhas, desengonçadas, por vezes, que não atingem sequer um coração grande, ou se algum sentimento lhe despertam é, sem dúvida, o da compaixão. Deixal-os!

Os segundos revelam a sua incapacidade na impertinente reluctance com que não querem ver as coisas de hoje como ellas são, agarrando-se com fúria ao *passado*, que nem sempre significa a tradição, porque nem sempre a soube compreender e traduzir.

E, contudo, nós os catholicos temos as melhores tradições do mundo. Compreendêlas é obrigar-se moralmente a cumpril-as.

Explicando-as hoje, temos apenas em vista mostrar como a nossa orientação é a revivescencia pura das nossas mais tímidas tradições.

Isto nos basta para que, longe de recuar um passo, longe de nos intimidar qualquer surdo rugido da treva, caminhemos de frente erguida com aquella altivez de carácter de quem se préza de ter trabalhado sempre por servir a verdade.

A nossa orientação deve basear-se no estado social e intellectual que nos circunda, se, com ella, temosa justa pretensão de guiar o homem para esse ideal indefinido que o norteia e que, em cada nova época da civilização, se esconde por detraz dos elementos que a constituem.

Aproximando, porém, a nossa época da das origens do christianismo e da fecunda elaboração do século XIII—berço das nossas tradições mais nobres—, encontramos um ponto em que ambos se harmonizam e com o qual podemos chegar a um completo accordo, depois de tantos séculos de luta, se nós, os catholicos, e aquellos que nos hostilizam fórmos prudentes, logicos e sensatos.

E' grande a luta íntima que hoje se trava na consciencia de quasi todos os homens de estudo.

Toda a filosofia moral de Kant, alentada pelo nobre mas mal definido pensamento da dignidade humana, todo o pessimismo dos livros de Schopenhauer, inspirado na mais altiva concepção optimista-espirital, o proprio materialismo imanente da filosofia de Comte e de Spencer são, ao mesmo tempo, elementos de discordia, de contrariedade para a alma moderna, e impulsos mais ou menos elevados e profucos para a satisfação dessa tendencia retintamente espiritalista que domina a nossa época.

E' constituído o impulso pela parte positiva, verdadeira dessas filosofias; a discordia pelos erros que se entrecho-cam, causando assim esse titubiar constante, tão bem definido na Dúvida que desalenta a Alma d'este século.

Não carece de maior numero de provas—que não faltam—a afirmação desta nossa tendencia espiritalista. Certo é que uma grossa nuvem de materialismo pratico, politico sobretudo, nos empana as fulgurações desse grande sol espirital. Mas o significado d'ella, o significado real está longe de traduzir a orientação moderna. São os velhos que ainda vivem. Deixal-os, com as suas ideias!

Não vamos nós, porém, caminhar sem saber para onde, fascinados ou deslumbrados pela intensidade d'essa luz repentina. O deslumbramento faz-nos cegos. Tanto pode cair no precipicio um cego, porque vive ás escuras, como um cego de muita luz. São causas distintas, produzindo o mesmo efeito. Em ambos os casos, o perigo é identico.—Acautelemo-nos,—examinando-a.

Efectivamente, a tendencia espiritalista moderna é um pouco subjectiva e immanente. E é este o seu grande peccado. Provas? A filosofia alemã, a negação da objectividade nas conclusões metafisico-positivas de Spencer, toda a arte contemporanea influenciada ainda pelo velho romantismo, as tendencias sociais do socialismo, girando todas sobre o principio ideal de justiça—resultante da apreciação individual, especie de livre exame social. Religiosamente, toda essa tendencia, a que se chamou modernismo, de verificar as ideias e as verdades religiosas pelo criterio da verdade imanente ao espirito humano.

O exagêro é evidente. Cumpre-nos atenuá-lo com a realidade.

Eis aqui o ponto difficil. A realidade que nos circunda é inconstante, contraditoria por vezes, e de difficil sistematisação.

Não é na Sciencia—de leis essencialmente mudaveis, em virtude das mil causas que a condicionam—que nós vemos a maior difficuldade. E' na moral, é na vida social.

Alí, a complexidade do problema é enorme. Inúmeras causas a produzem, reductiveis todas a uma só: o homem—matéria e espirito.

Em cada um dos nossos semelhantes podemos ter um auxiliar ou um reacionario contra a nossa obra. Depende isso das suas ideias, da sua educação, do seu carácter.

Por sua vez, elle poderá encontrar em nós um reacionario ou um auxiliar.

E, contudo, se o progresso é, na historia, o resultado de reacções e contra-reacções, não consiste nellas a estabilidade social.

Ora, vai sendo tempo de que á critica demolidora, se oponha a synthese que vivifica.

Eis o motivo porque todos nós devemos trabalhar na união das nossas tradições com as aspirações justas do Espirito deste século.

Quais são as nossas tradições?—E' esta a grande questão dos catholicos. Na sua resolução, têm grandes influxos a educação moral e a formação scientifica de cada um, quando é certo que a verdade historica de nada disto depende.

Assim, em contraposição á exaggerada tendencia espiritalista, em que alguns catholicos menos bem orientados se tem filiado, ha muita gente que dá como sinonimo ao catholicismo o ser conservador e conservador... *d'outrance*.

Quais são os efeitos gerais d'esta attitude?—A desunião cada vez maior entre o catholicismo e o homem de hoje, para quem afinal elle foi feito, tanto como para o homem de hontem.

Porquê? Porque desde o momento em que a sociedade evolucionou, novos elementos sociaes, moraes e scientificos, vieram modificar toda a educação, e, com ella, os modos de vêr pessoas e o criterio scientifico geral. Acaso as difficuldades que os homens de hoje sentem para crêr no catholicismo são identicas ás de ha cem annos? E podemos nós resolvê-las como resolviam as do seu tempo, por exemplo, Pascal, Bossuete e Vieira?

Igualmente, podemos nós viver na sociedade, para atrair ao catholicismo, do mesmo modo que os nossos avós viviam em 1850?

E' com aquelle modo de vida que os nossos contemporaneos se preocupam, ou com a regularização e cristianização do seu modo actual de viver?

E quando elles nos manifestam uma necessidade sua, que utilidade temos nós em lhes lembrar as necessidades dos nossos antepassados?

E contudo é isto o que fazem aquellos que com um criterio velho, verdadeiro ou não, pretendem dirigir o movimento actual. São os mesmos que fazem do catholicismo um bloco apenas conservador.

Não pretendem que a sociedade se adapte ao catholicismo, mas ao seu catholicismo, ao seu criterio. Deve ser muito ignorante quem não conhecer as difficuldades que Leão XIII encontrou nesses velhos catholicos da França, repartidos em tantas facções quantas eram as ideias politicas que elles identificavam com a sua religião.

Assim esses velhos catholicos, em Portugal como na França, ainda hoje confundem a politica com a religião, a sociedade tendenciosamente democratica de hoje com a sociedade liberal e romantica de hontem, a moral christã que foi feita para as necessidades e infirmidades do homem, com a moral jansenista e ficticia por que se regiam triste e inconscientemente muitos dos nossos avós.

O erro que os desorienta é o seguinte: julgar que vivem das tradições catholicas. Mas nós já dissemos que nem todo o *passado* é tradição. E' na sua origem que devemos ir buscá-las.

Efétivamente a Idade-Media onde as nossas tradições se elaboraram foi de uma enorme fecundidade.

Quem foram os revolucionarios, os iniciadores do novo movimento religioso e social?—Os christãos, os apóstolos, os martyres.

A heresia é que representou o papel conservador, porque não era mais que a contra-reacção do elemento velho, do velho racionalismo helenico-romano. Comprova-o a historia.

A gargalhada com que os sabios do Areopago receberam S. Paulo, era o riso dos que *possuam* o mundo. Riso, na verdade, pouco engracado, por desproposito e desatento. Se elles observassem os factos e sobretudo as ideias novas (christãs), teriam temido e estudado, opondo-lhes talvez uma resistencia—ideal—mais tenaz.

Os christãos venceram. E, precisamente, porque nelles dominava o espiritalismo—divino, não o esqueçamos—é que elles deviam cantar victoria. Foi então que appareceu a contra-reacção dos manicheus, dos pelagianos, dos sequezes de Ario, dos nestorianos, que todos tinham profundas raizes no velho espirito pagão.

A estabilidade social efétuou-se no século XIII. Como?—Pelo trabalho e pela liberdade.

A época dos grandes doutores escolasticos era para o povo de uma fé profunda e de uma ignorancia obscura. Incapaz, portanto, de se dirigir, de se governar, de saber o que queria. Eis uma das causas do regimen feudal.

Onde se encontram então os sabios? No povo?—Nos filhos do povo e dos nobres que viviam fóra da tirania do feudalismo. Sem liberdade não ha ciencia; e as ordens religiosas—franciscana e dominicana, principalmente—foram, no século XIII, o unico regimen de liberdade. Combatiam o feudalismo. E' esta a razão moral de ser de Santo Thomaz, de S. Boaventura, de Duns Scoto.

Os sabios viviam no claustro, porque não se abrigava alí a tirania. Viviam livres. Por isso o seu campo de acção era immenso, como era enorme a área occupada pelos prégadores do Evangelho. Eram mundiaes, não reconheciam fronteiras.

A unica coisa que moralmente os norteava era a sua disciplina interna, *espirital*, fundada apenas na caridade e na confiança mútua da autoridade para com os subditos e vice-versa. Caridade e confiança dispensam a multiplicidade das leis. Geram, por consequencia, a liberdade.

Foi só com estas condições—atividade e liberdade—que se póde organizar a mais grandiosa synthese filosofica,

que ainda até hoje se efétuou no mundo—a da Escolastica.

Em todo o caso, foram sempre o espiritalismo e a liberdade que triumpharam e fizeram da religião catholica a maior potencia espirital que norteou e norteará, em todos os séculos, a humanidade.

Subtraindo todo o exagêro á tendencia espiritalista moderna, nós estamos, no século XX, em pleno e perfeito contacto com o século XIII.—O movimento científico e social obedece hoje ás mesmas condições moraes de então. Unica differença:—o da Idade-Media era religioso; o de hoje caminha na dúvida.

Que temos nós de fazer para encaminhar o nosso século para a Verdade? Imitar as acções dos nossos antepassados: trabalhar com liberdade, aproveitando-nos das tendencias espiritalistas e democraticas da época, porque só com ellas é que os grandes homens e os grandes santos da Idade-Media triumpharam.

Na moral, tornar o nosso século profundamente humano, moral e cristão. Na politica, fazê-lo cristãmente politico. Na sociedade, cristianizar a vida social. Na ciencia, caminhar com ella sem ofender a religião. Mas não invadir nunca os terrenos, não usurpar attribuições, não confundir essas três manifestações distintas: a ciencia, a politica e a religião. Cada uma tem o seu campo diverso. Para as cristianizar, basta apenas relacioná-las.

E' isso o que queremos fazer e o que, permitindo-o Deus, faremos com toda a alma e com todo o entusiasmo. Porque é esta a verdadeira lição que nos deram os nossos antepassados.

Se apelam para a tradição, as nossas tradições de catholicos são estas.

E não são gloriosas? Não são significativas?

C. do A.

“A Liberdade,”

Este nosso illustre collega lisbonense, órgão do partido nacionalista, entrou no seu terceiro anno de vida.

Saüdamo-lo por isso, e fazemos votos por que as difficuldades com que tem luctado e de que justamente se tem queixado, se attenuem e cessem, permitindo-lhe toda a ordem de aperfeiçoamentos e prosperidades, que merece a nobilíssima causa a que se consagrou.

Os ventos não sopram favo-neos para quem diz a verdade: e o nosso collega soffre desta pecha. Mas, se não ha quem a diga, aonde irá tudo isto parar?

Louvores ao collega, que, apesar de viver num oceano de mentiras e lisonjas que tudo tem inundado e amiaça soverter, tem remado contra a corrente, fazendo força da fraqueza.

Os grandes movimentos de regeneração têm sido sempre iniciados assim: mais afinal a verdade triumphou. As mesmas difficuldades, com que luctam aquellos que a intizam, sam, como o sangue dos martyres, um elemento de fecundidade.

Os catholicos portuguezes sam dum feito muito especial: dam-se muito bem com os seus peores inimigos; desculpam-nos, louvam-nos, ajudam-nos, dam-lhes armas para elles proseguirem e levarem a cabo a sua obra de destruição, ao mesmo tempo que desconhecem, esquecem, abandonam ou até perseguem os que se sacrificam por causa delles.

Mas não se deve desesperar de que algum dia essa orientação monstruosa e absurda seja substituída por uma faíscas de juízo, que melhore o estado das coisas. E então alvorecerá para a imprensa catholica dias de mais prosperidade.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a *Liberdade* a transcripção que fez da primeira parte do artigo que, sob a epigraphe de *Politica Catholica*, aqui publicamos em nosso ultimo numero.

Expediente.—Está em cobrança a assignatura do nosso semanario.

Esperamos porisso dever a todos os nossos presados assignantes a fineza de pagarem logo que lhes sejam apresentados os competentes recibos.

Aos que já pagaram aqui deixamos bem patente o nosso sincero agradecimento.

Noticiario

Circulo Catholico S. José e S. Damaso.

—A direcção desta collectividade realiza hoje, como dissemos, uma festa em honra do seu patrono S. José—a qual constará: de manhã, pelas 10 horas, de missa resada no templo do Carmo, por alma dos socios fallecidos, com exposição do Santissimo e pratica; á noite, pelas 8 horas, de uma sessão solemne, a que presidirá o ex.^{mo} Presidente da Camara Municipal, Rev.^o Abbade de Tagilde.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

Missas de suffragio.

—Mandada celebrar por seus filhos, houve na passada terça-feira a missa de 7.^o dia por alma do sr. Antonio Raymundo de Sousa Guise.

Assistiu a familia e algumas pessoas das suas relações.

—Na igreja da Collegiada celebrou-se no dia 11 a missa de 7.^o dia por alma do sr. Antonio Luis Guimarães, com assistencia da familia e algumas pessoas das suas relações.

Fallecimentos.

Na sua casa da Fonte, freguesia de Villa Nova das Infantas, falleceu, victimado por uma *angi-nectoria*, o sr. Eugenio Pastor, violinista da orchestra do Real Theatre de S. Carlos de Lisboa.

Os seus funeraes realizaram-se na parochial igreja de Villa Nova das Infantas, com assistencia de alguns amigos, desta cidade.

Novo ainda, falleceu tambem nesta cidade o sr. Ernesto Pinto da Cunha Abreu, com orivesaria á rua de S. Paio, filho da sr.^a D. Quiteria Pinto Abreu.

Os seus funeraes realizaram-se quinta-feira na capella da V. O. T. de S. Francisco com numerosa assistencia.

Na sexta-feira da ultima semana tiveram logar na igreja parochial da freguesia de Infias, Vizella, os funeraes da sr.^a D. Maria Esteves, mãe extrema do sr. P.^o Rufino Monteiro Esteves e avó do snrs. Manuel e Agostinho Monteiro de Oliveira, commerciantes desta cidade.

Pela alma da fallecida senhora foram resadas duas missas no dia 12, na igreja de Infias, no fim das quaes o rev. Rufino, que foi celebrante de uma, fez distribuir esmolos aos pobres, e uma no templo de S. Pedro, nesta cidade, na passada quarta-feira, mandada celebrar pelos netos, a que assistiram muitas pessoas das suas relações e amizade.

A's familias enlutadas os nossos sentimentos.

ANNUNCIOS

Madame J.^{no} LABORDE

ESTAÇÃO DE VERÃO

A' sua distincta clientella em Guimarães, tem Madame LABORDE a honra de participar que, segunda e terça-feira proxima, se achará de passagem nesta cidade, acompanhada pela sua encarregada M.^{me} Gabrielle Guyard, onde, no Grande Hotel do Toural, poderá submetter-lhe um selecto sortido de *vestidos* e *chapeus* de verão, bem como lindos *corsets* modernos.

Aproveitará a sua estada aqui para tomar as devidas e necessarias medidas.

A Restauração



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

—DE—

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primás.

32 paginas, em 8.^o.
Preço avulso 30 rs. franco de porte.
Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelocorreio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.

1.^a vol., com 128 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis.
Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,"

PREÇOS MODICOS.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOUTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHOLICO

N.^o 276

Ex.^{mo} Snr.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de *A Restauração*.